



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: espanhol.]

A vida matrimonial.

Os primeiros anos de matrimônio: um tempo decisivo

Escutar e acompanhar os casais nos primeiros anos de vida matrimonial e em cada etapa da vida

Sábado, 10 de outubro de 2026
S.Em.R. Card. José Cobo Cano

Um casal chega à paróquia para se casar. Estão juntos há três ou quatro anos. Talvez já morem juntos, tenham bastante clara a decisão de se casar e tenham conversado muitas vezes sobre seu futuro. Eles vêm à Igreja e nós começamos a preparar o casamento com eles.

Mas há uma pergunta anterior: **em que momento de sua história chegamos como Igreja?**

Amoris laetitia nos ajudou a olhar de outra maneira para a realidade do casamento e abriu novos horizontes pastorais. Mas o primeiro desafio não consiste em desenhar novos programas. A questão é anterior e mais decisiva: **será que compreendemos de verdade, desde o início, a realidade dos casais que queremos acompanhar?**

1. DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS NA PASTORAL

- O primeiro desafio, portanto, é situar nosso acompanhamento ao matrimônio na complexidade da atual mudança de época.

- Um segundo desafio surge da convicção de que cuidar do casal é também cuidar da família que dele nasce. Uma das heranças mais importantes que os pais deixam aos filhos é a relação que construíram entre si: como conversam, lidam com suas diferenças, se perdoam, expressam afeto, compartilham a fé e permanecem unidos nas dificuldades.

Diante dos desafios desses primeiros anos, nos perguntamos se, em geral, não temos preparado mais os casais para o dia do casamento do que para a vida matrimonial.

A questão não é apenas revisar conteúdos. É nos perguntarmos se nossa pastoral está organizada fundamentalmente a partir do ato que será celebrado ou a partir dos processos humanos, de fé e vocacionais que somos chamados a acompanhar.

- *Amoris laetitia* nos apontou dois elementos **fundamentais a serem cuidados desde o momento em que um casal se aproxima da Igreja: acompanhamento e discernimento**. Uma coisa é perguntar: “O que eles precisam saber para se casar?”. Outra, mais profunda, é: “O que eles precisam descobrir para saber se são chamados a se entregar definitivamente um ao outro?”.

2. AS PERGUNTAS QUE SE APRESENTAM EM CADA ETAPA

Tudo isso nos leva a uma questão fundamental: **o que devemos desenvolver para passar, desde uma perspectiva comunitária, de uma pastoral de momentos, concentrada especialmente na preparação para o sacramento, para uma pastoral capaz de acompanhar processos que abrangem toda a vida?**

A pergunta assume formas diferentes em cada etapa.

A primeira surge ainda **antes do namoro**. Muitos jovens católicos nos dizem que têm dificuldade em conhecer outras pessoas com quem compartilhar a fé e um projeto de vida. Que espaços oferecemos? Como ajudar a descobrir que também a maneira de amar faz parte da própria vocação cristã?

Depois vem **o namoro**. Apaixonar-se faz parte do amor, mas chega um momento em que é preciso passar do *outro imaginado* para o *outro real*. Como acompanhamos essa descoberta e ajudamos os namorados a se conhecerem de verdade, ou chegamos quando praticamente todas as decisões já foram tomadas?

Assim como em muitas dioceses, em Madri estamos experimentando, juntamente com os cursos pré-matrimoniais, propostas como **O relógio dos namorados**, que partem de uma intuição simples: um casal precisa dedicar tempo de qualidade um ao outro para conversar, revisar sua história, reconhecer pontos fortes e fragilidades, rezar e discernir. A questão que essas experiências nos levantam vai além de um método concreto: implica perguntar-nos **como tornar possível um verdadeiro processo de discernimento**.

E isso também afeta **a decisão de se casar**. Se um casal chega após oito ou dez anos de relacionamento, com o casamento já decidido, resta realmente espaço para discernir? Se afirmamos que o matrimônio é uma vocação, como se discerne uma vocação matrimonial na Igreja? A entrevista pastoral bem conduzida nesses momentos e a formação daqueles que acompanham podem abrir caminhos, mas a pergunta continua diante de nós.

Depois, começam **os primeiros anos**. O sacramento foi celebrado, mas agora os cônjuges precisam aprender a construir e a enraizar sua vida conjugal. É preciso construir um “nós” sem apagar o “eu” e o “tu”. Talvez pudéssemos estar presentes em alguns momentos especialmente significativos: após o casamento, no primeiro ano, com a chegada dos filhos, aos três anos, aos cinco; sem necessariamente transformar esse acompanhamento em um programa contínuo de encontros.

Nesses primeiros anos, a comunicação muda. Surgem também as diferenças e os conflitos. E chegam **os filhos**. A vida se reorganiza e a dimensão funcional pode tomar conta de quase tudo.

Os casais nos pedem para acompanhá-los nessas mudanças; quem faz isso e como integrar esses elementos? **Como acompanhar a transição da fé vivida como casal para a fé vivida em família?**

E **ao longo da vida conjugal** surgem novas transições: trabalho, dificuldades econômicas, cuidados com os idosos, mudanças pessoais, doença ou desgaste do relacionamento. Nem tudo é uma crise. Mas precisamos nos perguntar como oferecer espaços de avaliação antes que as dificuldades deteriorem profundamente o vínculo. Os Centros de Orientação Familiar e outros âmbitos eclesiais — inclusive a experiência que chega aos tribunais eclesiais — nos ajudam a conhecer melhor essas situações, mas uma questão permanece em aberto: **como tornar normal que um casal peça ajuda para cuidar de seu relacionamento sem esperar chegar ao limite?**

3. A COMUNIDADE COMO EIXO

Quando os casais reavaliam esses primeiros anos, muitos concordam em destacar algo decisivo: **a importância de se sentirem acompanhados por uma comunidade próxima**. Em uma sociedade cada vez mais individualizada, não são poucos os casais que vivem seu casamento com bastante solidão. No entanto, o casamento cristão não é apenas uma história de dois; é também uma vocação eclesial, chamada a crescer e a se desenvolver dentro de uma comunidade.

Isso nos leva a uma questão pastoral fundamental: **de qual comunidade nossos casais precisam hoje? O que cabe à diocese, à paróquia, aos movimentos e, especialmente, a outros casais para criar comunidades capazes de acolher, acompanhar e sustentar a vida conjugal?**

Nesse contexto, surge uma figura que pode ser fundamental: são *os casais que acompanham outros casais*, não como especialistas, mas a partir de uma experiência vivida, discernida e compartilhada. **Como fazer com que a experiência de alguns casais se transforme em memória, testemunho e apoio para outros?** Como ajudar aqueles que foram acompanhados a se tornarem também acompanhantes?

No fundo, estamos falando de uma mudança de enfoque. Não precisamos apenas de novos cursos ou serviços. Precisamos nos perguntar como criar comunidades capazes de acompanhar longos processos de vida e, especialmente, ajudar a aprofundar o vínculo conjugal dentro das famílias.

Por isso, talvez a pergunta final já não seja apenas: “O que precisamos fazer para preparar melhor nossos noivos?”, mas outra, mais ampla:

Como nossa Igreja pode acompanhar toda a trajetória de uma vocação matrimonial, desde o início do discernimento até que esse casal se torne também acompanhante e testemunha para os outros?

Aí ficam em aberto nossas questões: quais elementos da *Amoris laetitia* precisamos acolher melhor, como elaborar processos comunitários de acompanhamento, como incorporar de fato o discernimento e quais características específicas devemos cuidar em cada etapa.